

R E S I S T A

GOODYEAR



MARACANÃ, O ESTÁDIO-CATEDRAL



*Neste
estádio-teatro,
palco de alegria
e tragédia, algo
vai acontecer:
um espetáculo
irrepetível e
irremediável,
durante o qual os
torcedores buscam
sua própria
humanidade.*

IVAN ÂNGELO
FOTOS: ROGÉRIO REIS / TYBA

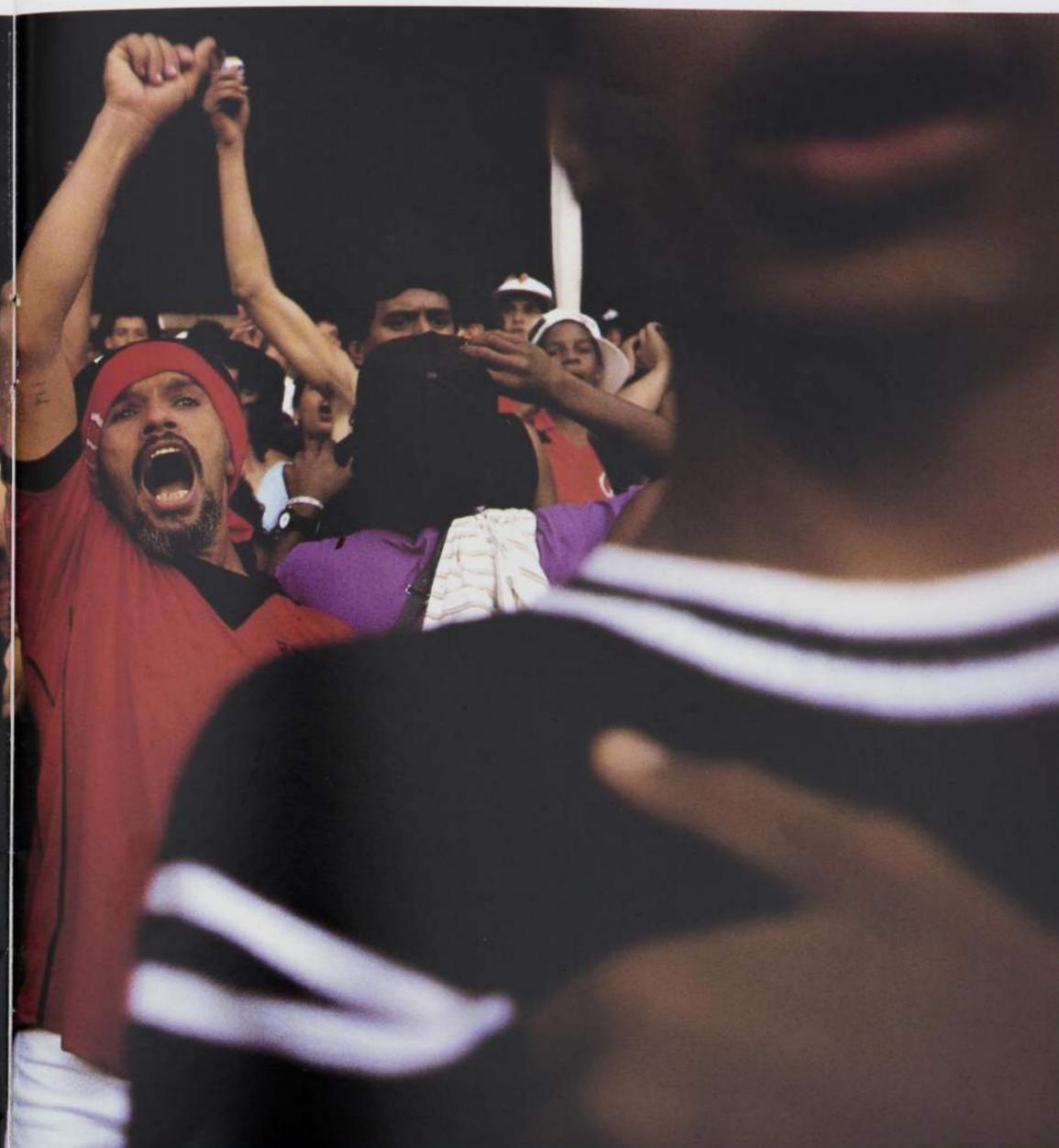
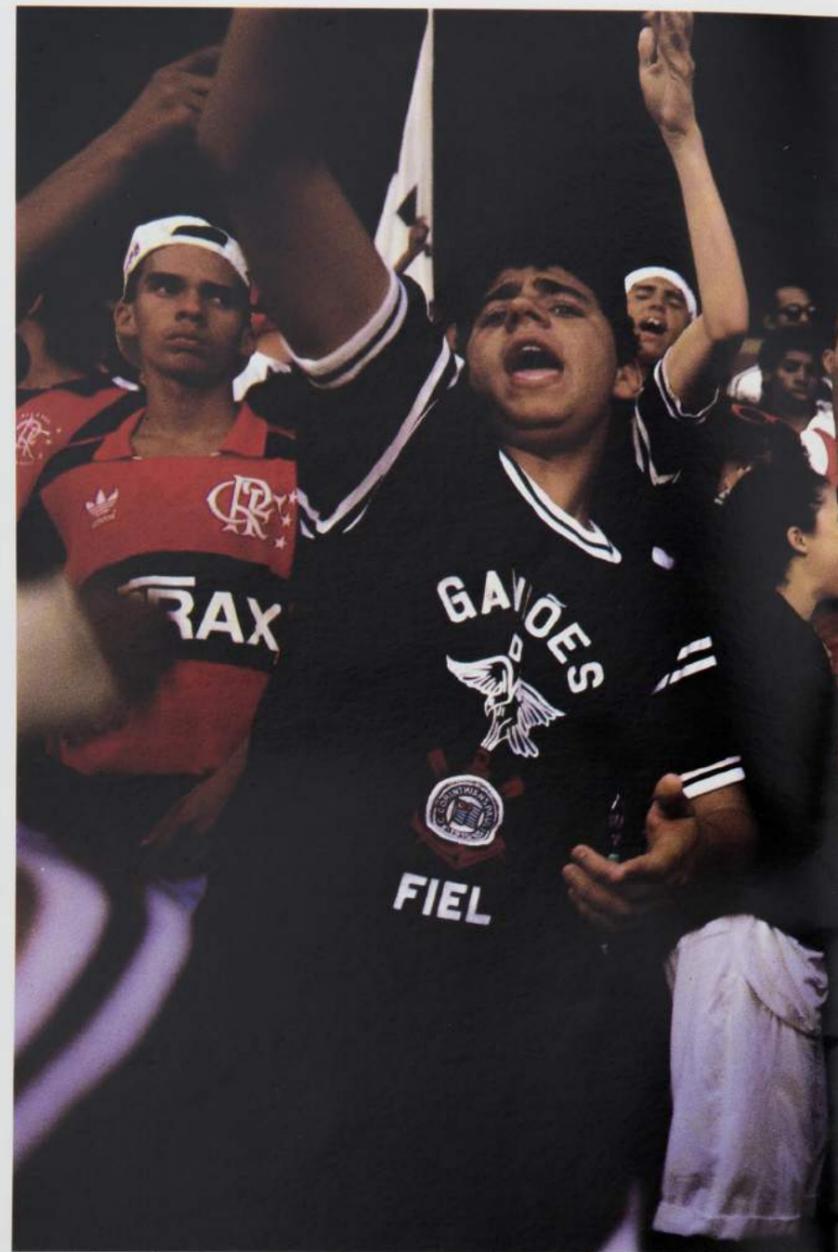


MA RACANIA

Os quartetos de Beethoven criaram um público para os quartetos de Beethoven. Essa frase famosa dá direito a uma paródia: o Maracanã criou o homem do Maracanã. Criou também suas vertentes, o homem da Fonte Nova, o homem do Beira-Rio, do Mineirão, do Morumbi, todos eles estádios pós-Maracanã, nascidos com a igual missão de manter esse povo (que povo é esse?) pacificado pela magia hipnótica da bola tocada de pé em pé.

Há quarenta anos, quando nasceu o Maracanã para nele se encenar a grande tragédia da Copa de 50, estádio e torcedor se enxertam de mútuo mistério: o estádio é praça, é catedral, é teatro, aonde esse homem vai buscar cidadania, mitologia, tragédia. Ah, qualé, dirão os simples, o cara vai lá apenas se divertir, torcer pelo seu clube, tomar umas, qualé? Mas é só isso mesmo? Ou, quem sabe...

No estádio-praça o cidadão ganha um espaço onde tem o direito de gritar seu amor e seu ódio, jogar talco, desenrolar papel higiênico, desfraldar bandeira, soltar



AQUI O CIDADÃO GANHA UM ESPAÇO ONDE TEM DIREITO DE GRITAR SEU AMOR E ÓDIO E, MAIS DO QUE ISSO, VESTIR UMA CAMISA.

bomba e foguete. Ali ele não está sozinho, não é um, é parte, pertence a uma irmandade, é cavaleiro de uma ordem com suas cores, brasão e bandeira. Vai mais fundo: veste a camisa. Numa missa ou numa parada não poderia vestir os paramentos, as fardas. No estádio ele pode, à vontade, porque ele fez do campo coisa sua, como sua rua, seu botequim, sua esquina. Pode vestir a mesma roupa dos atores principais; fantasiado, anarquizando, ele é

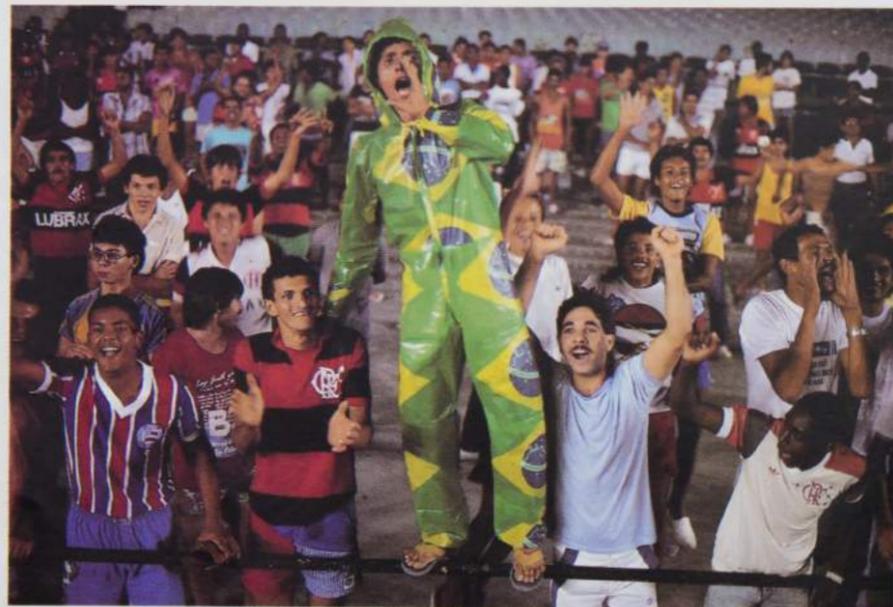
mais igual. Futebol é uma dose semanal de carnaval. E acontece num domingo, dia da família, da casa, o dia em que ele deixa de ser mais um no meio do povão sem nome e se torna pai, sozinho, torcedor. Incorpora o clube de futebol à família, ao seu botequim, à sua rua, onde tem um nome, hábitos conhecidos e talvez uma bicicleta. Sem clube, esse homem do estádio não é nada, é zé-povinho, joão-ninguém, maria mijona. O clube dá-lhe uma identidade,



um nome que todos conhecem: ele é Flamengo, é Corinthians, é Atlético, é América, é Inter, é Palmeiras, é Fluminense, é. Sem clube ele seria, era, é apenas um preto, um caolho, um alemão, uma gorda, um velho, um baiano — ninguém. No domingo dos estádios, quando ele deixa de ser *para os outros* (um trabalho, uma função), o homem do Maracanã pode se entregar à pura emoção de ser *para si*, cidadão.

Clube de futebol é como religião: mesmo quem “não pratica” tem uma. No estádio-catedral, aos domingos, futebol é culto, mitos, lenda. Uma religião pré-litúrgica. Como sacerdotes dessa religião primitiva, oral, velhos que nem

que ia marcar tantos gols, como o irmão goleiro disse que ali não passava nem um, como o tal Frederrache foi ficando irado no jogo porque o irmão-fera pegava todas, até que marcaram um pênalti e ele gritou “é meu, esse é meu”, contam como ajeitou a bola deliciado olhando o fera e dizendo “agora é que eu quero ver”, como o irmão goleiro bateu no peito e gritou sério “daqui não passa”, e contam como o tal Frederrache tomou distância e soltou o maior tiro de sua vida bem no meio do gol, como o irmão goleiro encaixou a bola bala e todo o estádio ouviu aquele tuummm no peito dele, como ele se ajoelhou e ficou ali um tempão, aplaudido pelas duas

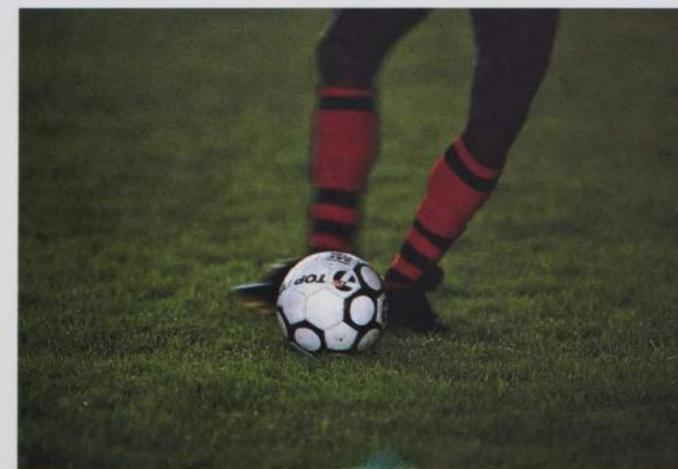


sequer foram aos antigos estádios-capelas da era pré-Maracanã contam casos ao pé do fogo, histórias que se arredondaram rolando por aí como pedras do rio e chegaram até nós redondinhas, acabadas, como aquela do centroavante (eles dizem centerfor) de chute superpotente e nome supercomplicado pronunciado Frederrache, cujo tinha um irmão goleiro superfera que jogava em outro time, e contam como esse Frederrache tinha gozado o irmão antes do jogo, dizendo

torcidas, antes que percebessem que ele estava morto, e diz a lenda que o irmão centerfor nunca mais jogou. Futebol? É conversa fiada. Como aquela história do Heleno de Freitas, chamado Gilda porque era muito temperamental, como a Gilda do cinema, e os colegas do Botafogo resolveram botá-lo no gelo durante um jogo. Cansado de não receber bola nenhuma lá na frente, o Heleno veio até o goleiro e gritou, autoritário como ele só, “me dá essa bola aqui”; o goleiro também es-



FANTASIADO, ANARQUIZANDO, O TORCEDOR É MAIS IGUAL: FUTEBOL É UMA DOSE SEMANAL DE CARNAVAL.



tava mancomunado com os outros mas teve de entregar a bola com medo da fúria do Heleno e aí ele saiu driblando um, dois, três, saiu driblando o time adversário inteiro, sozinho, a torcida de pé gritando "Gilda!", driblou o goleiro, fez o gol, o estádio veio abaixo e ele foi até a beira do campo, soberbo, atrevido e disse para o técnico: "Agora bota outro no meu lugar que eu vou sair". Futebol são histórias, mitos, lérias, lérias. Esses fantasmas, espíritos, passeiam pelos corredores vazios do estádio-catedral, vagam pelos quatro cantos do gramado durante a semana; aos domingos, sobem com os fiéis as escadarias e vão ver com eles os milagres dos novos deuses. Dali vão surgir, ainda imper-



feitas, novas lendas, que o tempo vai esculpir até a forma final, perfeita, do mito. ┘

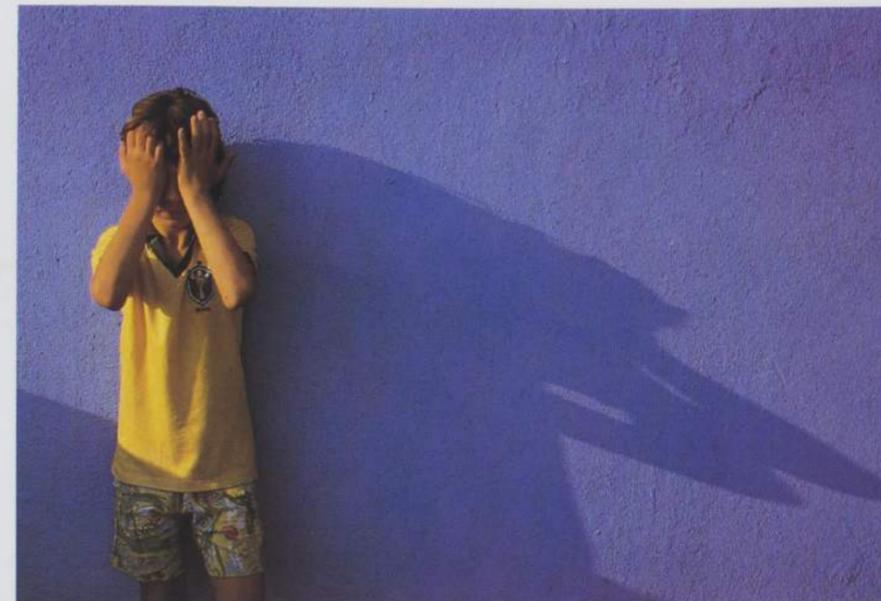
No estádio-teatro as cores separam e unem. Separam torcidas, unem torcedores. Separam os dois times, os dois bandeirinhas, os limites do campo, a área castigada do goleiro; unem os que comemoram o gol ou os que choram a derrota. Diferentes na cor da pele, nos olhos, nos cabelos, torcedores descobrem-se irmãos, unidos pelas cores do time. Todos os disparates são possíveis: comunistas que odeiam o vermelho, estetas que aceitam o verde-amarelo, discretos que amam o rubro-negro, jovens que preferem o branco-e-preto. Isso quanto a



**POR QUE O
HOMEM DO
MARACANÁ SAI
DO SEU
CONFORTO
DOMINGUEIRO E
SE ARRISCA A
ESTES MOMENTOS
DE INCERTEZA,
ALEGRIA, DÚVIDA
E SOFRIMENTO?**



AS CORES SEPARAM OS DOIS TIMES, OS DOIS BANDEIRINHAS, OS LIMITES DO CAMPO. E UNEM OS QUE COMEMORAM O GOL OU OS QUE CHORAM A DERROTA.



cenários e figurinos. Vamos à peça.

No estádio-teatro, o homem do Maracanã se submete ao destino, ao que tem de ser, à tragédia. Ele vai lá para participar daquela hora e meia em que um poder invisível, um maestro oculto rege os acontecimentos e determina vitória ou derrota. Depois de tudo acabado ele tem certeza: estava escrito. Não se sabia o que estava escrito, porém foi lá para ver o desenrolar da história e fazer parte do acontecer. "Se eu soubesse que ia ser assim", ele diz ao voltar de bandeira enrolada para casa. *Ia* ser assim, reparem bem, ele não diz *podia* ser assim. *Ia* ser assim, estava escrito, não há outra possibilidade. Como na tragédia grega. Estar lá, nem que seja como espectador, é participar de um acontecimento da área do divino, pois só um deus escreve o destino. O mais emocionante é que neste teatro tudo é pra valer, a quente. Não é o teatro repetido de uma cerimônia religiosa onde não vai *acontecer* nada nem há nada em jogo; não é o teatro comum, onde pelo menos os atores conhecem a história; nem o teatro dos concertos de música popular, onde tudo é previsível e não há o que perder. No futebol, não. Algo vai

acontecer, trágico no sentido grego, porque não se sabe o quê, como; brutal porque só há três possibilidades. Um espetáculo irrepetível e irremediável; sua seqüência é única; modifica posições, fortunas, atitudes, vidas. Que o homem do Maracanã, do Morumbi, da Fonte Nova busca nesse campo de angústias? Por que sai do seu conforto domin-gueiro e se arrisca a esses momentos de incerteza, alegria, dúvida, sofrimento? Ele se busca na outra ponta do destino, na ponta oposta a dos deuses, busca sua própria humanidade.

Que povo é esse? Que povo é esse nessas praças, igrejas, teatros? Que povo é esse que esquece a vida no bate-bola de meia? Que povo é esse que no pior da crise perdoa tudo e abraça o inimigo, o caloteiro, o ditador, gritando tri? Que povo é esse que põe fogo na mata, quebra orelhão de telefone, joga pedra nos trens, fura poltrona de cinema, joga veneno nos rios e lixo por toda a parte? Que povo é esse que sai daqui e tenta entrar noutros países pulando o muro, como se fosse um campo de futebol? De que foge aqui, que procura lá, nos Estados Unidos, Canadá, Portugal, Japão? Que povo é esse que constrói os maiores está-